

**VISÃO DO SEXO MASCULINO SOBRE OS MÉTODOS E PREVENÇÃO DAS  
INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS**

**MALE VIEW OF THE METHODS AND PREVENTION OF SEXUALLY  
TRANSMITTED INFECTION**

Macieli dos Santos Ramos<sup>1</sup>

Alexandre Alfaia Barbosa<sup>2</sup>

Willian Marques Ribamar<sup>3</sup>

Andréa Soares de Araújo<sup>4</sup>

**RESUMO**

Este estudo trata-se de um conteúdo descritivo com abordagem quanti-qualitativa e buscou analisar o conhecimento dos alunos jovens do sexo masculino sobre as Infecções sexualmente transmissíveis, a qual a pesquisa foi feita com 20 alunos de uma escola pública de Macapá-estado do Amapá. Observa-se que muitos jovens e adolescentes do sexo masculinos embora não tenham um foco maior sobre o tema de IST, eles conseguiam identificar o que é uma IST e quais os meios de contaminação. Os resultados adquiridos através das percepções dos alunos, mostra quanto é importante ser trabalhado o tema de Infecções sexualmente transmissíveis nas escolas públicas, com intuito de reduzir a vulnerabilidade dos jovens do sexo Masculino.

**Palavras-chave:** Homens; Escola Pública; Preservativos; Família; HPV.

**ABSTRACT**

This study is a descriptive content with a quantitative and qualitative approach and sought to analyze the knowledge of young male students about sexually transmitted infections, which the research was carried out with 20 students from a public school in Macapá- Estado do Amapá. It is observed that many young men and adolescents of the male sex, although they may not have a major focus on the topic of STIs, they were able to identify what an STI is and what the means of contamination are. The results acquired through the students' perceptions, shows how important it is to work on the topic of sexually transmitted infections in public schools, in order to reduce the vulnerability of young males.

**Keywords:** Men; Public school; Condoms; Family; HPV.

Cadernos da Fucamp, v.19, n.40 p.70-89/2020

## INTRODUÇÃO

A adolescência é um período de transição e de mudanças biopsicossociais que conduzem o indivíduo da infância para a fase adulta. É também um período em que se buscam novidades e a pessoa sente-se invulnerável e indestrutível e é a fase da vida em que ocorre a chegada da puberdade, tornando possível a reprodução (MAZZINI et al, 2008).

É uma fase da vida marcada por uma série de transformações físicas e comportamentais, influenciadas por fatores socioculturais e familiares, na adolescência, a vivência da sexualidade torna-se mais evidente e muitas vezes manifesta-se através de práticas sexuais desprotegidas, podendo se tornar um problema devido à falta de informação, de comunicação entre familiares, dos mitos e tabus, ou mesmo pelo fato de ter medo de assumi-la, desta forma, a procura e a curiosidade por novas experiências e a falta de orientações sobre as mudanças pelas quais estão passando deixam os adolescentes vulneráveis a situações de risco, dentre estas a das doenças sexualmente transmissíveis, incluindo a síndrome da imunodeficiência adquirida DST/AIDS (MARTINS et al, 2010).

Quando se trata de orientação sexual, busca-se considerar a sexualidade como algo importante à vida e à saúde, pois está ligado com o direito ao prazer e ao exercício da sexualidade com responsabilidade, o que abrange o papel social do homem e da mulher. A prática de orientação sexual nas escolas pretende contribuir para a diminuição nos casos de pessoas com DSTs, além de cooperar na superação de tabus e preconceitos ainda estabelecidos no contexto sociocultural brasileiro (BRASIL, 1997).

No Brasil, a incidência de DST/AIDS tem crescido na população em geral, sendo o número de adolescentes contaminados também crescente, a precocidade nas relações sexuais, a multiplicidade de parceiros e a pouca utilização de preservativos, associada a uma maior liberdade sexual, são alguns dos fatores conhecidos que podem contribuir para aumentar a vulnerabilidade das adolescentes as DSTs (CODES et al, 2006).

Diante do panorama atual, podemos afirmar que a população de adolescentes constitui um grupo de risco, e que precisa de programas em políticas públicas voltados para garantir o caminho da juventude rumo ao exercício pleno da cidadania e que assim comecem a ter perspectivas. Entendemos cidadania como um processo, onde a gênese se dá pelo conhecimento e domínio do próprio corpo, pois este é o referencial da existência humana, no espaço, no tempo e no meio social, referência da auto-estimar, da liberdade, do prazer sexual e do prazer pela vida, pelo respeito ao próprio corpo e pelo corpo do outro com quem se relaciona (BRÊTAS e SILVA, 2005).

Estudos mostram que o desconhecimento do modo de contágio das DSTs e a não importância dos métodos preventivos podem levar prejuízo a saúde sexual e reprodutiva dos adolescentes como a infertilidade, gravidez ectópica e câncer uterino, além de serem o principal fator facilitador da transmissão pela via sexual doenças de transmissão sexual têm sido causa de agravos em crianças e adolescentes em todo o mundo e a população jovem é considerada a mais vulnerável às DSTs, principalmente à infecção pelo HIV/Aids e por isso a escola tem uma grande influência nesse contexto já que é um grande facilitador de conhecimentos (SOUZA et al, 2007).

Neste contexto, a escola pela sua importância no campo de socialização do escolar e adolescente, seria um veículo muito importante para educação sexual, mas devido a variáveis como o despreparo dos professores para discussão do tema, a ideologia em que para dominar a situação usam mecanismos de controle como a repressão ou da sexualidade, com a convivência das ciências médicas, vinculando o exercício da sexualidade somente a prática das funções reprodutoras (BRÊTAS e SILVA, 2005).

Mediante estes aspectos que abrangem as Doenças Sexualmente Transmissíveis e os métodos contraceptivos, a educação pode ser um fator primordial para a sensibilização das pessoas no que tange ao assunto, dessa forma, o foco do estudo foi analisar se os alunos do ensino público, em especial a modalidade Educação de Jovens e Adultos (EJA), constituem um quadro social com risco a proliferação de DSTs, verificando a qualidade de ensino que recebem e observando a partir daí a que tipo de informações os mesmos estão sendo expostos, para que fique ainda mais evidente a importância da educação em saúde para esse público (ALTMANN, 2001).

### **Mudança do termo DST para IST**

O Ministério da saúde passa a utilizar nomenclatura "IST" no lugar de "DST" Segundo a diretora Adele Benzaken, “doenças” implica sintomas e sinais visíveis no organismo, enquanto “infecções” referem-se a períodos sem sintomas e já é usado pela OMS.

O Departamento de Vigilância, Prevenção e Controle das IST, do HIV/Aids e das Hepatites Virais passa a usar a nomenclatura “IST” (infecções sexualmente transmissíveis) no lugar de “DST” (doenças sexualmente transmissíveis). A nova denominação é uma das atualizações da estrutura regimental do Ministério da Saúde por meio do pelo Decreto nº 8.901/2016 publicada no Diário Oficial da União em 11.11.2016, Seção I, páginas 03 a 17. “A denominação ‘D’, de ‘DST’, vem de doença, que implica em sintomas e sinais visíveis no organismo do indivíduo. Já ‘Infecções’ podem ter períodos assintomáticos (sífilis, herpes

genital, condiloma acuminado, por exemplo) ou se mantêm assintomáticas durante toda a vida do indivíduo (casos da infecção pelo HPV e vírus do Herpes) e são somente detectadas por meio de exames laboratoriais”, explicou a diretora do Departamento, Adele Benzaken. “O termo IST é mais adequado e já é utilizado pela Organização Mundial de Saúde (OMS) e pelos principais Organismos que lidam com a temática das Infecções Sexualmente Transmissíveis ao redor do mundo” (BRASIL, 2017).

Com base em estudos e com os resultados atuais do ministério da saúde referente às Infecções sexualmente transmissíveis, esse trabalho foi realizado em uma Escola Pública Estadual General Azevedo Costa/ AP, com objetivo de analisar o conhecimento do sexo masculino sobre infecções sexualmente transmissíveis com intuito de esclarecer sobre o índice de infecção por IST, abordando também os métodos de prevenção e utilizando nas discussões o termo IST.

## **METODOLOGIA**

Este estudo trata-se de um conteúdo descritivo com abordagem quanti-qualitativa. A pesquisa foi realizada com 20 alunos do sexo masculino do ensino médio da Escola Pública Estadual General Azevedo Costa/ AP sobre Infecções sexualmente transmissíveis e os métodos de prevenção. Os dados foram obtidos através do questionário e palestras, a qual o questionário tinha 10 perguntas e as palestras relacionadas a temas como: AIDS, tricomaníase, HPV, gonorréia e sífilis. Essas palestras foram de suma importância para uma melhor compreensão do conteúdo aplicado aos meninos. Uma vez que obtivemos a participação dos sujeitos mediante o Termo de Consentimento Livre e Esclareci (TCLE) dos pais ou responsáveis. Esse projeto foi aceito pelo comitê de ética da Universidade Federal do Amapá. (CAAE: 15047619. 1. 0000. 0003).

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

*O conhecimento dos alunos acerca do que eles sabiam sobre o que era uma Infecção sexualmente transmissível, resultado obtido através dos questionários iniciais e finais.*

Através dos questionários pode-se observa que os alunos têm certo conhecimento sobre as infecções sexualmente transmissíveis e conseguem relacionar a sigla IST com varias infecções. No questionário final através das palestras os meninos conseguem interpretar

## Percepção Masculina sobre Infecção Sexualmente Transmissível

corretamente o que significa uma IST, também tem base que a única forma de prevenção é o preservativo (Quadro 1).

**Quadro 1-** Resposta dos alunos da escola Azevedo Costa/AP, referente o conhecimento das ISTs e suas formas de contágio.

<b>Questionário Inicial</b>	<b>Questionário Final</b>
<p><b>GAROTO – A</b></p> <p>“ Conheço doenças que da no corpo todo e na boca e na parte intima do cara e só passa uma pomada que passa”</p>	<p><b>GAROTO – A</b></p> <p>“ é uma infecção que em sua maioria é transmitida pelo sexo sem o uso de alguma camisinha”</p>
<p><b>GAROTO – B</b></p> <p>“ é uma doença que é passada pelo sexo, meu pai diz que não tem cura e por isso tenho que usar preservativo e tomar os remédios que as mulheres toma para não pega doença ”</p>	<p><b>GAROTO – B</b></p> <p>“ é uma IST que as vezes não tem cura , mas tem tratamento e todas são transmitida pelo sexo e as vezes pelo sangue”</p>
<p><b>GAROTO – C</b></p> <p>“ e uma doença que se passa para outra pessoa do sexo oral e do beijo que da ate ferida, por isso é necessario tomar os remédios ”</p>	<p><b>GAROTO - C</b></p> <p>“IST é uma infecção que é passada através do ato sexual sem preservativo e tem cura em alguns casos como a AIDS”</p>

Muitas pesquisas analisam os conhecimentos dos alunos através de questionários e observam que muitos deles não têm um conhecimento relevante sobre ISTs, mesmo os que já têm uma vida sexual ativa, fazendo com que essas infecções sejam transmitidas cada vez mais. Existe uma lacuna de informação entre os adolescentes acerca das formas de prevenção das Infecções sexualmente transmissíveis e dos métodos anticoncepcionais, assim como a existência de crenças que são transmitidas e mantidas pelo seu grupo social (OLIVEIRA et al, 2009).

As falas traduzem também o significado dos riscos que as ISTs representam para os adolescentes, a AIDS foi à única doença citada, bem como associação desta com seu aspecto de não possuir cura e com as conseqüências da mesma para a saúde (JARDIM et al, 2013)

Ainda é muito baixo o conhecimento dos alunos a cerca do assunto, principalmente as formas de prevenção das ISTs, por isso que é de suma importância que as escolas assumam esse papel, para diminuição dessas infecções e prevenção desses agravos á saúde dos adolescentes (SAMPAIO et al, 2011). Segundo Salles (2018) a escola é um fator primordial para diminuir os índices de problemas relacionados às Infecções sexualmente transmissíveis, a escola pode contribuir diretamente no ensinamento de prevenção dessas doenças para os alunos e assim diminuir os problemas relacionado às ISTs.

Os homens têm um conhecimento bem baixo quando o assunto é Infecção sexualmente transmissível, muitos homens no contexto geral, seja ele jovem adulto ou até mesmo os adolescentes, têm um interesse bem baixo nesse assunto. O que se analisa também é que o sexo feminino também tem baixo interesse no que diz respeito às ISTs, é todo esse desinteresse reflete por parte dos jovens, pela observância de um índice alto de jovens e adolescentes de ambos sexos infectados por alguma IST, por isso é necessário o conhecimento e a reflexão por parte dos adolescentes em relação aos riscos advindo de relações sexuais desprotegidas, assegurando a prevenção da gravidez indesejada e da contaminação pelas ISTs, além de exercer um direito que possibilita cada vez mais o ser humano ao exercício da sexualidade desvinculado da procriação (JARDIM e SANTOS, 2012).

*Ao questionar os alunos se em sua instituição de ensino se tem algum projeto que trabalhe com temas relacionado á ISTs, os resultados do questionário inicial e final foram bem surpreendentes principalmente por saber que muitas das instituições não trabalham esse tema no âmbito escolar (Figura 1).*

## Percepção Masculina sobre Infecção Sexualmente Transmissível

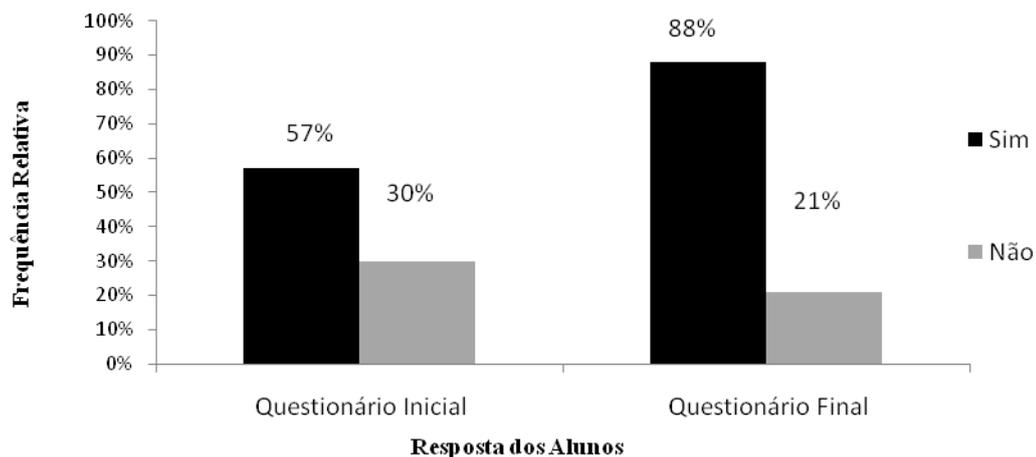


Figura 1- Frequência Relativa das respostas dos alunos da Escola Azevedo Costa/AP sobre projetos relacionado a temas de ISTs em sua instituição de ensino

Embora algumas instituições de ensino tenham projetos relacionados a infecções sexualmente transmissíveis, ainda sim é um porcentual pequeno relacionado a diversas instituições de educação espalhada no Brasil e no mundo, esse assunto deveria ser enquadrado em um material aparte, por esse motivo de um alto índice do jovem de ambos os sexos infectados pelas ISTs tornar-se fundamental a implementação do programa saúde na escola, o qual prevê a realização de diversas ações conjunta das equipes de saúde e de educação com o objetivo de garantir atenção à saúde e educação integral para os estudantes da rede básica de ensino, buscando intervir preventivamente neste contexto, uma vez que os adolescentes assumem no campo social um papel que pode representar risco a sua saúde durante a exercício da sexualidade (JARDIM et al, 2013)

Muitas instituições de ensino não trabalham sobre os aspectos de infecções Sexualmente Transmissíveis, e na biologia isso não é aprofundado por não fazer parte da grande curricular da instituição, e os professores não se sentem preparados para trabalhar esse assunto com os adolescentes, por isso que não há orientação nas escolares, mas todos querem que essa problemática seja resolvida (SILVA, 2015).

O assunto já é incluído no programa de temas transversais que são assuntos da sexualidade no contexto geral, que faz com que as escolas trabalhem esse tema sem receio, pós está amparada por uma instituição maior que é o MEC (ALTMANN, 2001).

De acordo com Aranha (2005), para que haja orientação sexual é necessário que os professores aceitem trabalhar esse tema sem receio de questionar e dialogar com os alunos, muitas instituições e professores não trabalha esse tema mesmo estando nos PCNs por não se sentirem preparados em abordar o assunto, sabe-se que temas relacionado à prevenção

pode ser abordado por qualquer professor da instituição e não somente por professores da área da biologia.

*Pergunta referente à contaminação das infecções sexualmente transmissíveis através do sexo oral e anal. Os 20 alunos responderam que SIM, há contaminação se mantiver a relação sexual anal sem preservativos e contaminação oral.*

Pode-se entender que os alunos têm a leve compreensão que toda a relação sexual mantida de forma desprotegida negligenciando seu próprio bem-estar traz um malefício para a saúde. Quando uma pessoa diz “conhecer uma doença” não significa que ela sabe tudo sobre essa doença, pelo contrário ela pode ter apenas ouvido falar da doença sem ao menos ter uma informação exata sobre a mesma, e é nesse momento que as escolas e os serviços de saúde devem transmitir esse conhecimento em um período periódico para que os alunos possam fixar e dominar os aspectos de prevenção (ROMERO et al., 2007).

E as infecções podem ser transmitidas de diversas maneiras, apesar de os vírus, bactérias e fungos estarem mais presentes no esperma, existe a possibilidade de se contaminar com o líquido expelido antes da ejaculação ou pela secreção da vagina, por exemplo, o simples contato da boca com a pele pode ser suficiente para a transmissão de algumas ISTs e fazer com que essa pessoa corra o risco de ser contaminada (BRASIL, 2018).

A ideia um momento “sexual mágico” é algo que está vinculada na mente de adolescentes prematuros, os jovens acham que por estar no momento de total sentimentalismo uma gravidez não desejada ou um HPV é algo que irar passar longe deles, a primeira vez de um adolescente é como se fosse algo mágico, pois o único pensamento é na pessoa amada e não nos riscos que ele ou ela pode estar correndo em pegar alguma doença como se nada de ruim fosse ocorrer naquele momento com eles (SANTOS 1999).

“O sexo é fenômeno inusitado e imprevisível” significa que alguns jovens por não ter oportunidade de fazer sexo mantêm a relação sexual desprotegida correndo o risco para uma gravidez não desejada e uma doença sexualmente transmissível, justamente por oportunidades surgidas em ser planejada, o impulso do momento faz com que esse jovem mantenha o ato sexual sem se importar se terá ou não proteção nesse momento de prazer. (BENINCASA et al., 2008).

Por isso é necessário o uso do preservativo que é um recurso disponível a homens e mulheres e atende à dupla função de proteção contra a gravidez e contra doenças sexualmente transmissíveis (DST) e dentre as quais a AIDS, fazendo com que esse jovem

sem mesmo está consciente que além de uma proteção contra uma gravidez esse preservativo está protegendo ele de algo mais sério que é uma IST (MADUREIRA, 2008).

*Ao questionarmos os alunos sobre os meios de prevenção das infecções sexualmente transmissíveis, os resultados de ambos os questionários foram da seguinte maneira.*

No questionário inicial, 67% (12) dos alunos responderam que o método mais eficiente para prevenção é o uso do preservativo e quando se adquire a doença os medicamentos é o mais indicado, e 36% (8) alunos responderam que além da camisinha o método mais eficiente é o anticoncepcional que auxilia no modo de prevenção das infecções sexualmente transmissíveis. E questionário final após as palestras os alunos conseguiram ter uma resposta mais coerente sobre os métodos de prevenção das ISTs, que além de se prevenir com o uso do preservativo, o cuidado íntimo é muito importante Quadro 2.

Quadro 2- Respostas dos alunos da escola Azevedo Costa/AP sobre *meios de prevenção das infecções sexualmente transmissíveis no questionário final*

#### *QUESTIONÁRIO FINAL*

##### *MENINO (D)*

*“Usar preservativos, e ir procura ajuda medica em suspeita de AIDS ”*

##### *MENINO (E)*

*“O mais conhecido é o preservativo”*

##### *MENINO (F)*

*“ usar camisinha sempre e evitar sexo sem elas ”*

---

Observa-se que há falta de informações mais coerente sobre os métodos de prevenção das ISTs, existem muitos anúncios que se referem à camisinha como método de prevenção contra uma gravidez indesejada ou o uso de anticoncepcional que auxilia na prevenção da

mesma, o que faz com que os alunos criem a idéia que além da gravidez o Anticoncepcional serve para se prevenir contra uma IST. Sabemos que o preservativo é um recurso de extrema importância no contexto sexual, que além de proteger contra uma infecção sexualmente transmissível ele também prevenir contra uma gravidez não desejada, porem alguns jovens está se esquivando desse método de proteção (JARDIM e SANTOS, 2012).

A camisinha masculina é o método de prevenção de gravidez e IST mais conhecido e mais usado entre os adolescentes, porem e os principais motivos alegados para a sua não utilização de modo consistente são: não gostar de usá-las, confiar no parceiro e a imprevisibilidade das relações sexuais (TEXEIRA, 2009).

O preservativo é um recurso disponível a homens e mulheres e atende à dupla função de proteção contra a gravidez e contra doenças sexualmente transmissíveis (IST) e dentre as quais a AIDS, fazendo com que esse jovem sem mesmo está consciente que além de uma proteção contra uma gravidez esse preservativo está protegendo ele de algo mais sério que é uma DST, Muitos jovens identificam que a prevenção é um elemento importante na prática sexual, entretanto, abdicam dela a partir do momento em que sentem confiança no parceiro (MADUREIRA, 2008).

Por isso é necessário que tenha a necessidade da construção de espaços de diálogo entre adolescentes, que os professores e profissionais da saúde como um importante dispositivo para construir uma resposta social com vistas à superação das relações de vulnerabilidade entre o grupo, tendo o uso do preservativo um papel de destaque como recurso disponível, que atende à função de proteção contra gravidez indesejada e ISTs simultaneamente, sendo necessárias a informação e a conscientização do grupo por meio da educação em saúde (JARDIM e SANTOS, 2012).

*Questionamento sobre quais são as Infecções que os alunos conhecem ou já ouviram falar (Figura 2).*

## Percepção Masculina sobre Infecção Sexualmente Transmissível

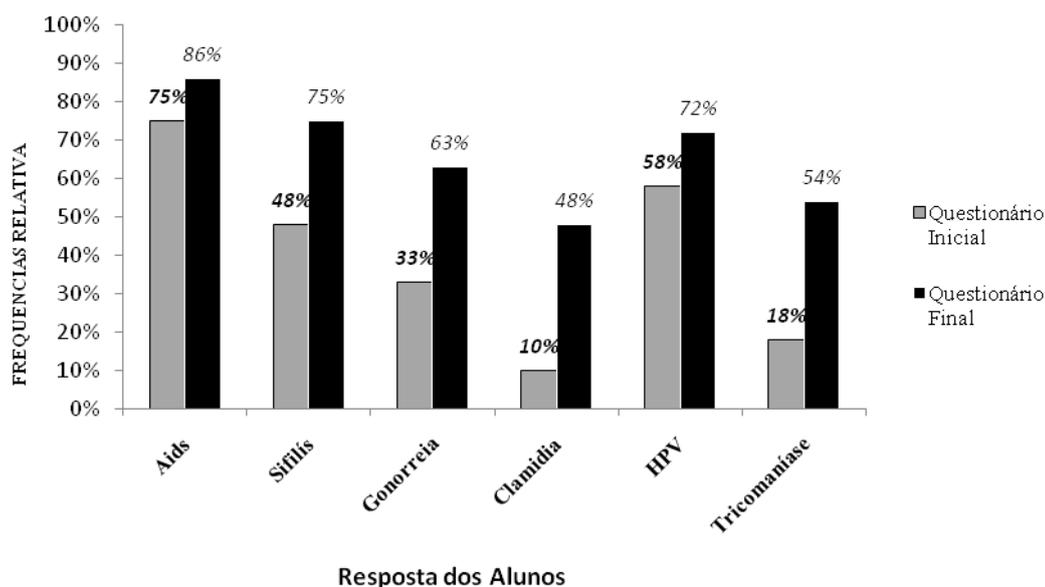


Figura 2 - Frequência Relativa sobre a percepção dos alunos da Escola Azevedo Costa /AP, referente aos tipos de ISTs que conhece ou já ouviram falar.

Para a Organização Mundial de Saúde, as DST de maior recorrência no Brasil, na população sexualmente ativa, somam a cada ano 937.000 casos de sífilis; 1.541.800 casos de gonorréia; 1.967.200 casos de clamídia; 640.900 casos de herpes genital e 685.400 casos de Papilomavírus Humano (HPV). Além disso, o número de soropositivos registrados pelo MS chegou a 592.914 desde a década de 1980 até 2010 (TEXEIRA, 2009).

Sabemos que existem vários tipos de ISTs e que algumas são bem conhecidas como a AIDS e HPV. Pode-se analisar que as doenças extremamente comuns como a tricomoníase e gonorréia são as que os alunos têm menos informações, o que é bastante preocupante, pois se uma mulher acaba pegando uma dessas infecções como a tricomoníase e por não ter conhecimento da infecção acaba confundindo com uma infecção urinária, muitas pessoas não tem o desejo de ir busca a orientação de um médico da área e acaba indo a uma farmácia comprando algum remédio que ameniza esses sintomas sem tratar adequadamente a doença, justamente por pensar que é uma infecção urinária, é nesse momento que a orientação da família é de extrema importância, para ajuda a prevenir essas doenças e acima de tudo dá às devidas informações necessárias (LEAL, 2006).

Os PCN apontam o caminho através de um planejamento; contudo, a implantação de programas específicos de orientação sexual pressupõe um processo onde consenso e conflito são importantes na aprendizagem de todos os envolvidos. A discussão das questões da sexualidade humana traz para a escola muitas contradições de nossa sociedade, que desencadeiam movimentos de repensar a sexualidade, tanto individual como coletiva,

possibilitando a construção de novas idéias, fazendo com que infecções comuns como tricomoníase e gonorreia sejam mais conhecidas no meio dos jovens (NERY, 2015).

A educação em saúde é um processo que abrange a participação de toda a população no contexto de sua vida cotidiana, e não apenas das pessoas sob risco de adoecer, havendo a necessidade de abordar o adolescente não como um problema, mas como um grupo que possui identidade e conhecimentos próprios cujos comportamentos e atitudes devem ser compreendidos a partir do seu universo e dos sentidos que atribuem aos diferentes fatos e eventos da vida (JARDIM e SANTOS, 2012).

A educação sexual é de extrema responsabilidade da família, pois é ela que dá as primeiras orientações sobre o que é certo ou não, porém sabemos que diálogo entre filhos e pais não existe na prática na maioria das famílias e acaba levando essa responsabilidade para a escola fazendo com que ela ajude no processo de orientação sexual desses jovens e adolescentes, (JARDIM e BRÊTA, 2006).

A escola tem um papel importante na educação e saúde abordando os principais temas como ISTs e AIDS, porém muitas escolas não trabalham esse assunto por não ter professores capacitados a abordar esse conteúdo, e as escolas que abordam as Infecções sexualmente transmissíveis, jogam o assunto a ser trabalhado somente aos professores de biologia como se fosse semente desse professor o dever de tocar nesses assuntos (SILVA, 2015).

O Estado propõe que os PCN sejam trabalhados ao longo de todos os ciclos de escolarização e, com relação aos temas transversais orientação sexual, demonstra sua preocupação principalmente em virtude do crescimento de casos de gravidez indesejada entre adolescentes e do risco da contaminação pelo HIV, Segundo esta proposta cabe à escola e não mais apenas à família desenvolver uma ação crítica, reflexiva e educativa que promova a saúde das crianças e adolescentes (NERY,2015).

Os alunos têm um conhecimento básico sobre as DSTs porém existe se tem bastante dúvida sobre o assunto, e as realizações de atividades educativas através de oficinas e palestras na escola faz com que os alunos esclareçam suas dúvidas e incerteza (GENZ et al,2017).

Os resultados mostram-se importantes porque, normalmente, acredita-se que, com a frequência das campanhas preventivas nas escolas, as informações disponibilizadas teriam sensibilizado este grupo a ponto de se perceber mudanças em seus comportamentos,

diminuindo a vulnerabilidade para fazer frente aos desafios que caracterizam o seu dia-a-dia. No entanto, constata-se que o uso do preservativo, uma das mais importantes tecnologias de proteção às DST e à AIDS, não parece ser um comportamento generalizado (OLIVEIRA et al,2009).

*Pergunta referente às formas de prevenção das ISTs (Figura 3).*

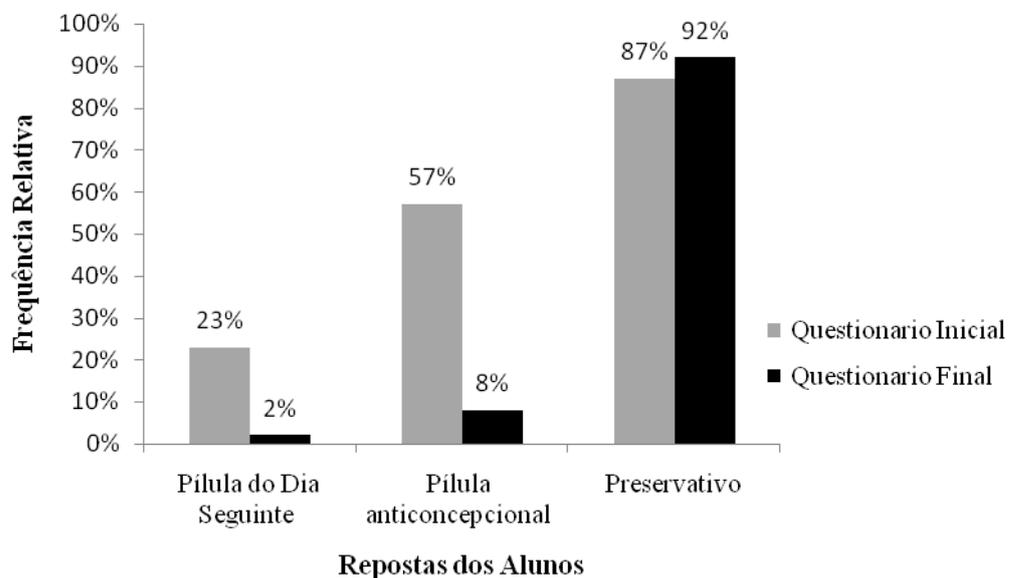


Figura 3 - Frequência Relativa da percepção dos alunos da escola Azevedo Costa /AP, sobre os métodos de proteção contra as ISTs

Os jovens no momento do ato sexual não pensam em questão de proteção e sim vão de acordo com o sentimentalismo, vão ao impulso do que estão sentindo no momento, seja ela paixão, amor ou também apenas o impulso de mantêm a relação sexual apenas por desejo de “excitação”, e nesse meio o risco de uma gravidez não desejada é muito maior e o risco de uma IST também (BENINCASA et al., 2008).

O conhecimento dos adolescentes sobre os métodos contraceptivos é bom, especialmente quando possuem melhor comunicação com os pais, mas este fato não é diretamente proporcional ao uso de um dos métodos contraceptivos em sua primeira relação sexual (JARDIM e SANTOS, 2012).

“O sexo é fenômeno inusitado e imprevisível” significa que alguns jovens por não ter oportunidade de fazer sexo mantêm a relação sexual desprotegida correndo o risco para uma gravidez não desejada e uma doença sexualmente transmissível, justamente por oportunidades surgidas em ser planejada, o impulso do momento faz com que esse jovem mantenha o ato sexual sem se importa se terá ou não proteção nesse momento de prazer. (BENINCASA et al., 2008).

De acordo com as pesquisa o métodos de proteção mais usada pelos jovens é o preservativo, porém ainda tem jovens utilizando os anticoncepcionais e pílula do dia seguinte como forma de prevenção das ISTs, o que cabe ressaltar ainda a importância da participação dos profissionais da saúde, entre eles o enfermeiro, neste processo de educação em saúde, ampliando sua atuação nas escolas e na saúde dos adolescentes (OLIVEIRA et al, 2008).

De acordo com Santo Junior (1999), ao comentar sobre o sexo desprotegido nesse período do desenvolvimento, afirma que o pensamento mágico é próprio do desenvolvimento psicológico do adolescente. Relaciona-se à idéia preconcebida de que nada de ruim poderá lhe acontecer por isso não tem aquela preocupação de alguma ação negativa após o sexo, independentemente das ações praticadas trata-se de uma exposição ao risco, partindo do pressuposto de que o dano não possa acontecer (BENINCASA, 2008).

*Quando perguntado quais meios de suporte pediria ajuda no caso de uma Infecção sexualmente transmissível.*

Os alunos marcaram mais de uma opção, pode-se observa no gráfico que após as palestras os jovens diminuíram suas respostas na opção de pedir suporte aos pais (Figura 4).

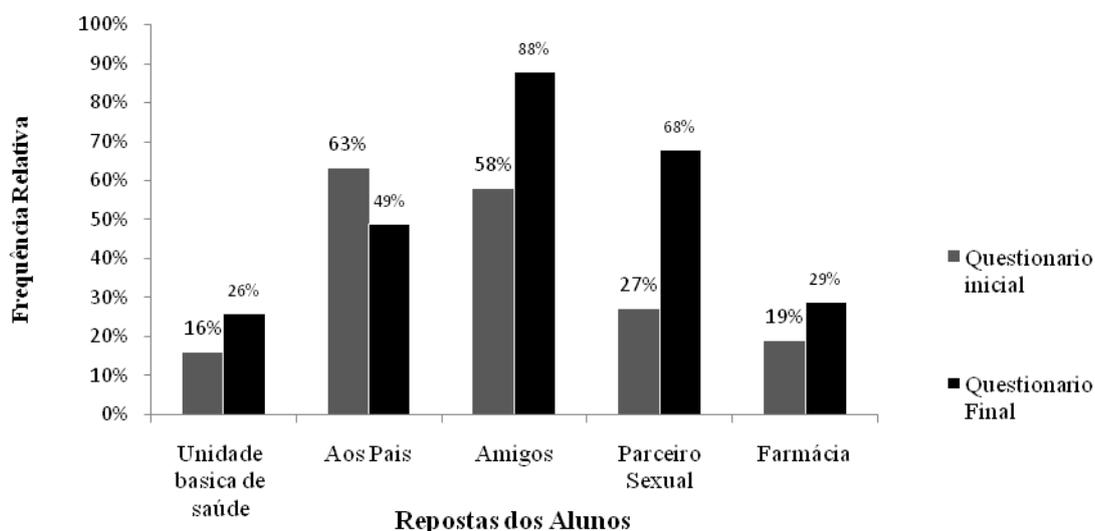


Figura 4 - Frequência Relativa da Percepção dos alunos da escola Azevedo Costa /AP, sobre a quem pediria ajuda no caso de uma IST

Os alunos têm a total noção que no caso de uma IST o melhor meio de ajuda é uma unidade básica de saúde, porém é um suporte pouco procurado pelo sexo masculino, o jovem

na procura de uma resposta procura um grupo mais confiável que na sua maioria é os amigos, que é o grupo que tem mais liberdade. Jovens do sexo masculino têm um relacionamento aberto com os pais principalmente com o pai, por isso a importância dessa comunicação grupal família, fala com os pais significa ter uma liberdade total e segurança na orientação que será dada, tanto os pais quanto os filhos se sentem confortável quando se tem esse diálogo aberto, o que é incomum de se encontrar famílias que tem um relacionamento aberto com os filhos (SILVA, 2015).

Porem algumas famílias acha que o termo sexualidade está restrito apenas ao sexo, o que faz com que muitos pais fiquem realmente constrangidos de tocar nesses assuntos com os filhos, mas a sexualidade é um termo amplo que está inserido ao sentimental, prazer e o desejo pelo outros, a família necessita atender as expectativas explicativas dos filhos sobre as devidas orientações sexuais independentemente da idade, há um costume de deixar as coisas para o amanhã e nesse sentido trás as conseqüências da gravidez não desejada e infecção sexualmente transmissível, a família sabe que se deve conversar com os filhos sobre sexualidade abordando os aspectos de prevenção e atenção aos cuidados sexuais relacionado ao corpo, porém alguns pais acham que o melhor tempo para se tocar nesse assunto é quando o filho chega a uma idade apropriada próximo a maior idade, outros pais acham desnecessários aborda esses assuntos no âmbito família (GONÇALVES et al., 2013).

De acordo com Jardim et al., (2013) os alunos tem uma liberdade e se sentem confortável em conversar sobre assuntos inseridos a sexualidade e práticas sexuais com os amigos, tanto da escola quanto da rua onde moram, fala com os pais e com o parceiro sexual é um ato onde se requer uma segurança e respeito vindo dos protagonistas citados.

Há um índice alto de casos de IST no Brasil, são fatores diagnosticados através de consultas medicas feita por adolescentes e jovens de 15 a 24 anos, o que gera um resultado bem positivo saber que os alunos entendem que é um caso delicado e que se devem procurar os cuidados médicos adequado, embora muitos jovens procurassem um atendimento mais rápido como as farmácias dificultando os sintomas, pós muitas vezes é passado um medicamento inapropriado para aquela doença (BRASIL, 2018).

Ressalta-se a importância do papel dos pais na educação sexual de seus filhos, de maneira informal e oferecida desde o nascimento da criança. A escola completa o que é iniciado no lar, aprofundando as informações oferecidas pela família e estimulando a discussão e a reflexão dos alunos, o que se acredita colaborar para a formação de conceitos que atuem em favor do indivíduo em seu comportamento sexual (JARDIM e BRÊTA, 2006).

*Perguntas referentes quais são meios de transmissão de uma IST. Mais de uma opção foi marcada nos questionários inicial e final(Figura 5).*

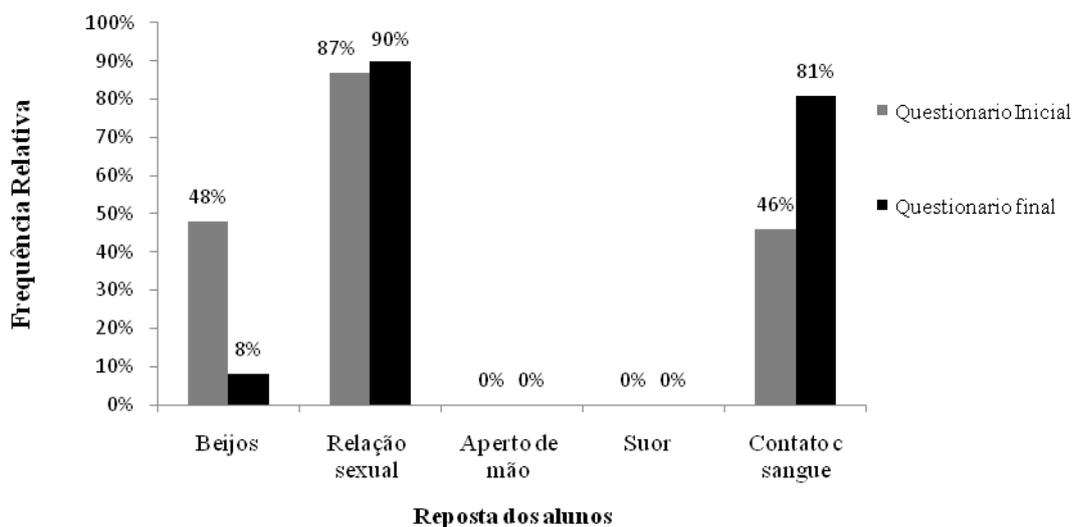


Figura 5 - Frequência Relativa das Resposta dos alunos da escola Azevedo Costa/AP a respeito da forma de contágio de uma IST

Os alunos têm a concepção que pode adquirir uma IST ou AIDS através da relação sexual sem preservativo com uma pessoa contaminada e, além disso, eles sabem os meios de contágios da doença por objetos contaminados, porém não sabe relacionar qual doença estão inseridos no termo IST, os autores falam que os alunos acham que limpar a genital após o ato sexual é uma forma de prevenção da doença e tirar qualquer protozoário que tenham adquirido através do ato sem proteção. A melhor forma de prevenção das Doenças sexualmente transmissíveis é a informação, o aluno bem informado pode diminuir bastante o índice de casos, fazendo com que esse aluno possa utilizar formas de prevenção da IST e, além disso, evita uma gravidez não desejada (SALLES, 2017).

Apesar de o preservativo ser disponível somente uma parcela desses adolescentes lembra-se dela na hora da relação sexual, de acordo com pesquisas revela que o uso do preservativo masculino tem aumentado entre os adolescentes, inclusive na primeira relação sexual, no entanto, não é usado nem por todos, nem em todas as relações sexuais. A não utilização da camisinha não está relacionada com a falta de conhecimento sobre o método e sua importância para o sexo seguro, e tampouco com a dificuldade de acesso, mas com o senso de invulnerabilidade próprio do adolescente influenciado pelo prazer momentâneo (JARDIM e SANTOS, 2012).

Por isso é necessário que a escola possa assumir esse papel de repassar essas informações sobre a transmissão do HIV e sobre a necessidade de usar o preservativo parece não ser suficiente para garantir um efetivo comportamento de proteção. Seria preciso, além de disponibilizar informações, oferecer programas de educação sexual que possam aumentar a capacidade de tomada de decisão e desenvolver práticas mais seguras. Medidas como essas apresentadas pelos autores não foram abordadas nas discussões, no entanto, a necessidade de campanhas mais eficazes, os adolescentes se queixa da falta de um espaço para falar sobre suas contradições e dúvidas, a qual demonstram que essa falta de espaço para discutir sobre suas ansiedades e debater sobre seus valores e conflitos contribui para que o adolescente não viva sua sexualidade sem medo ou culpa, expondo-se a comportamentos de risco (BENINCASA, 2008).

Cabe aqui lembrar que esta dificuldade não está desvinculada das questões sociais e econômicas que determinam o sistema educacional brasileiro. Apesar de a temática sexualidade estar incorporada no PCN como tema transversal, devendo assim ser tratada por professores de qualquer disciplina, ainda esse papel é geralmente atribuído apenas aos professores de Ciências e Biologia como se fosse responsabilidade somente dessa disciplina toca nesses assuntos. No entanto, os professores ainda não possuem subsídios para trabalhar questões sociais, como valores, preconceitos e tabus que envolvem essa temática e em razão disso acabam se restringindo apenas aos aspectos biológicos da sexualidade (BENINCASA, 2008).

Mas se os professores não se sentem preparados, a escola pode adotar outras maneiras de orientar esses alunos como os profissionais da saúde capacitados para este diálogo como o enfermeiro um educador por natureza, que pode muito contribuir no sentido de orientar o adolescente quanto à importância do uso do preservativo, bem como sua correta utilização, desde o início da sua vida sexual, de forma que se torne um hábito saudável expresso na continuidade do uso nas relações sexuais que se sucederão. Esse trabalho pode ser feito em unidades básica de saúde (UBSs), hospitais, centros comunitários ou na escola mesmo, dê de que a instituição tenha um importante papel social na vida dos seus alunos, entre outros espaços sociais (SAMPAIO et al, 2011).

### **CONCLUSÃO**

O trabalho realizado com os alunos do sexo masculino possibilitou analisar os pensamentos que esse grupo de alunos tem sobre as infecções sexualmente

transmissíveis. Este estudo verificou que os adolescentes consideram ter um bom conhecimento sobre os métodos contraceptivos existentes, sendo a camisinha a mais conhecida, no que diz respeito à informação sobre a pílula anticoncepcional, foi observado que os alunos têm um conhecimento bem confuso sobre a mesma. O conhecimento dos alunos sobre as ISTs contribui bastante para os educadores das instituições de ensino, a repensar o quanto é importante ser trabalhado o tema de educação e saúde com os jovens do sexo masculino. Foi observado que os métodos de divisão das palestras foram bem eficazes para o conhecimento dos alunos e além de tudo facilitando um melhor aprendizado do assunto. De acordo com o questionário final os alunos conseguiram ter um bom proveito através das palestras e conseguiram ter uma resposta mais coerente sobre as infecções sexualmente transmissíveis, fazendo com que os jovens possam lembrar que o uso do preservativo masculino é de suma importância para a sua própria proteção e a proteção de sua parceira sexual.

## REFERÊNCIAS

ALTMANN, H. Orientação sexual nos parâmetros curriculares nacionais. *Revista Estudos Feministas*, v. 9, n. 2, p. 575–585, 2001.

ARANHA, M. S. F. Relatos de professores sobre manifestações sexuais de alunos com deficiência no contexto escolar. *Interação em Psicologia*, Bauru/Marília, v. 9, n. 1, p. 103-116, 2005.

BENINCASA, et al. Sexo desprotegido e adolescência: fatores de risco e de proteção *Psicologia: Teoria e Prática* – 2008, 10(2):121-134.

BRASIL- Departamento de Doenças de Condições Crônicas e Infecções Sexualmente Transmissíveis. Ministério da Saúde, 2017.

BRASIL— Orientação Sexual. Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) Secretaria de Educação, 1997.

BRASIL. O número de infecções sexualmente transmissível aumenta. Federação Brasileira das associações de ginecologia e obstetrícia, 2018. Disponível em: <https://www.febrasgo.org.br/pt/noticias/item/565-numero-de-infecoes-sexualmente-transmissiveis-ist-aumenta>. Acesso em: 08. 05. 2020.

BRÊTAS, JRS. SILVA, CV. Orientação sexual para adolescentes: relato de experiência *Acta Paul Enferm.* 2005;18(3):326-33..

## Percepção Masculina sobre Infecção Sexualmente Transmissível

CiencCuidSaude. 2008 out-dez;7(4):493-502.

CODES JS, et al. Detecção de doenças sexualmente transmissíveis em ambientes clínicos e não clínicos na Cidade de Salvador, Bahia, Brasil. *CadSaude Publica* [periódico na Internet]. 2006.

GENZ N, *et al.*. Doenças sexualmente transmissíveis: conhecimento e comportamento sexual de adolescentes. *Texto Contexto Enferm* 2017.

GOMES et al. Percepções de Casais Heterossexuais acerca do uso da Camisinha. *Esc Anna Nery* (impr.)2011 jan-mar; 15 (1):22-30.

GONÇALVES, R. C. et al. Educação Sexual no Contexto Familiar e Escolar: Impasses e Desafios . *HOLOS INSS* 1807-1600, 2013.

JARDIM et al. Doenças sexualmente transmissível: A percepção dos adolescentes de uma escola pública. *CogitareEnferm*. 2013 Out/Dez; 18(4):663-8 Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=483649282005>.

JARDIM, D. P. SANTOS, E. F. Uso do preservativo masculino por adolescentes no início da vida sexual. *Adolescência & Saúde*. 9, n. 2, p. 37-44, 2012.

LEAL P, et al. DST – J bras Doenças Sex Transm 18(3): 159-160,2006.

MADUREIRA, V. S. F. Tentinir, M. Utilização do preservativo masculino à prevenção de DST/AIDS. *Ciênc. saúde coletiva* vol.13 no.6 Rio de Janeiro Nov./Dec. 2008.

MARTINS, et al. Conhecimentos e Práticas dos Adolescentes da Capital deMato Grosso quanto às DST/Aids. *DST - J bras Doenças Sex Transm* 2010; 22(4): 206-211.

MAZZIN MLH, et al. Mães adolescentes: a construção de sua identidade materna.

NERY, I. S et al. Abordagem da sexualidade no diálogo entre pais e adolescentes. *Acta Paul Enferm*, 2015.

OLIVEIRA DC, et al. Conhecimentos e práticas de adolescentes sobre DST/HIV/AIDSEsc *Anna Nery RevEnferm* 2009 out-dez; 13 (4): 833-41.

OLIVEIRA TC, et al. O enfermeiro na atenção a saúde sexual e reprodutiva dos adolescentes. *RevBrasEnferm*. 2008;61(3):306-11.

ROMEIRO, K.T. et al. O conhecimento das adolescentes sobre questão relacionada ao sexo. Centro de Atendimento e Apoio ao Adolescente do Departamento de Pediatria (Unifesp /EPM) 2007.

SALLES, A.P. Orientação sexual para jovens e adultos: relato de uma intervenção pedagógica com alunos do ensino publica no estado do Amapá. (tese de TCC) Universidade Federal do Estado do Amapá, Macapá, 2018.

SAMPAIO J, et al. Ele não quer com camisinha e eu quero me prevenir: exposição de adolescentes do sexo feminino às DST/aids no semi-árido nordestino. Saúde soc. [Internet] 2011;20(1) [acesso em 28.05.2020. Disponível: <http://www.scielo.br/pdf/sausoc/v20n1/19>].

SANTO JUNIOR, J. D. Fatores etiológicos relacionados à gravidez na adolescência: vulnerabilidade à maternidade. Cadernos juventude, saúde e desenvolvimento. Brasília: Ministério da Saúde, 1999. p. 223-229.

SILVA AT, et al. Conhecimento de adolescentes do ensino médio sobre DST/ AIDS no sul do Brasil Aletheia 46, p.34-49, jan./abr. 2015.

SILVA, R. DA. Quando a escola opera na conscientização dos jovens adolescentes no combate às DSTs. Educar em Revista, n. 57, p. 221–238, 2015.

SOUZA MM,et al. Programa educativo sobre sexualidade e DST: relato de experiência com grupo de adolescente.RevBrasEnferm, Brasília 2007 jan-fev; 60(16):102-5.

TEXEIRA CJ. O fenômeno da morte na adolescência sob o olhar de jovens em conflito com a lei [dissertação]. São Paulo (SP): Universidade de São Paulo; 2009.